

★ Portugal Esperantista

ÓRGÃO MENSAL DO MOVIMENTO ESPERANTISTA PORTUGUÊS

Director

MANUEL DE JESUS GARCIA

Editor

JOAQUIM COSTA

Propriedade

DA LABORISTA ESPERANTISTA
SOCIETO "NOVA VOJO"

Redação e Administração

RUA DO JARDIM DO REGEDOR, 5, 4.^o
LISBOA

Composto e Impresso

TIP. A MONTANHESA — S. PESSOA, L.^o
R. LUZ SORIANO, 71 — LISBOA

Número avulso \$50

Em papel melhor \$75

Assinatura para Portugal e Espanha, anual, Esc.	6800
Colónias portuguesas, anual, Esc. . . .	7800
Outros países, francos franceses	7

E N H A V O

(SUMÁRIO)

Há muito que conheço o Esperanto,
entrevista com o prof. Dr. Agostinho
Fortes.

Car Esperanto ne ankoraŭ triumfis.,
de Costa Júnior.

Scienco kaj tekniko—Pri paperfabri-
kado, de Curt Olsson.

O Esperanto e a literatura (conclusão),
por Beaufront.

Falantaj folioj—Angloj kaj Esperanto,
de Costa Júnior.

Bildetoj pri la kamparana vivo en
Alent-Jo, de Rodrigo de Gusmão.

La etika valoro de Esperanto, de
Thilander.

"Nova Vojo" e "Antaüen" visitam
Queluz.

Morto de la konprinceto, traduko de
J. A. Carmo.

Bona leciono, traduko de J. Vicente
Júnior.

Rigardo sur Esperantion.
Enlanda movado.

Visitantes Esperantistas.

Konkursoj.

Há muito que conheço o Esperanto diz-nos o prof. Dr. Agostinho Fortes

Prosseguindo com o nosso inquérito aos intelectuais portugueses, sobre o valor e vantagens do Esperanto, publicamos no presente número algumas palavras do Dr. Agostinho Fortes, professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Numa visita que fizemos à Biblioteca Operária Oeirense, onde funciona um curso elementar de Esperanto, encontramo-nos com o Dr. Agostinho Fortes, que faz parte dos corpos gerentes daquela instituição cultural. Quando lhe manifestámos o desejo de saber a sua opinião sobre a língua auxiliar internacional, o ilustre professor prontificou-se imediatamente a satisfazer a nossa vontade, encaminhando-se para o gabinete da Direcção, onde começou por dizer-nos:

— Há muito tempo que conheço o Esperanto. E não descouheço também várias tentativas feitas para a criação dumha língua internacional, entre elas o Volapük.

— V. Ex.^a concorda com uma língua comum?

— Concordo, e acho-a até necessária ao rápido intercâmbio de conhecimentos entre os povos. Porém, suponho que nunca passará pela cabeça de alguém a pretensão de substituir qualquer língua nacional pela língua comum.

— Os esperantistas não têm tam utópica pretensão, confirmámos-nós. V. Ex.^a reconhece no Esperanto o valor necessário que o imponha a ser aceito como língua auxiliar de todos os povos?

— Da leitura de várias obras didácticas e também pelas lições que tenho ouvido pela T. S. F., feitas pelo Sr. Saldanha Carreira, tiro a conclusão que, de facto, o Esperanto é uma obra muito bem formada e que pelos seus objectivos constitue um valor incontestável e digno de todo o louvor.

— Deve-se incluir o Esperanto no ensino oficial?

— Eu entendo que sim, mas só nos programas de ensino secundário e superior. Infelizmente, no nosso país, o ensino primário é violentíssimo para a criança e por isso não acho conveniente sobre-carregá-lo mais ainda. De outra forma seria aconselhável o ensino do Esperanto ás crianças. Quanto ás lições pela T. S. F., tornam-se interessantes como meio de propaganda.

— Toda a propaganda é pouca, interrompemos, porque os obstáculos são numerosos...

— Infelizmente, concordou o Dr. Agostinho Fortes, no nosso país, não só ao Esperanto como a todas as iniciativas que possam proporcionar bem estar moral ou material, opõem-se-lhe sempre muitos

(Segue na página 50)

1.º concurso do "PORTUGALA ESPERANTISTO"

Publicamos neste número o terceiro texto dêste primeiro concurso, que nos parece bastante difícil, opinião que certamente não têm os nossos concorrentes.

Do livro A EPOPEIA DO TRABALHO, de Ferreira de Castro:

Os Pescadores

E' o mar a revolta milenária, a inquietude constante, que no seio de cada vaga vai rolando até às praias da Eternidade. E' o mar um prisioneiro da terra, mas a sua alma de rebelde não se resigna ao cárcere incomensurável e protesta e ruge e brame no silêncio de todas as noites e na noite de todos os séculos. O mar desconhece a resignação, os estados místicos, as lassidões fatais—ele é a própria alma da rebeldia e luta sempre, sempre, incansavelmente, para despachar os seus gritinhos, as suas algemas eviternas. E crista-se e ergue-se imponente em sua velha ira, fervendo em ódio antigo, espumando pretéritos desejos de vingança e libertação—e não perdoando, jamais, jamais, à terra que lhe serve de cárcere.

Há muitos milhares de anos que o mar se encarna em dar um exemplo de revolta ao homem escravizado.

E por isso ele exige aos que lhe demandam a fúria legendária, em batéis tam frágeis que dir-se-ão faíulas onde embarcam, para naufragar irremediavelmente, todos os fantasmas do Sonho, uma energia tam forte como aquelas que encerram as suas ondas convulsas.

E os pescadores surgem assim como titãs remotos, que igualam, já que não a podem dominar, a força do mar. E fraternizam assim com o Eterno Revoltado, acabando por lhe conquistar a alma inquieta, que recolhem depois nas arcadas dos seus peitos robustos. E começam a viver a liberdade do mar, uma liberdade bravio, como toda a liberdade primitiva. E deixam que em seus olhos se espelhe a ânsia do longínquo, da distância infinita, de que só o mar tem o condão. E o céu violáceo que sucede às tempestades parece-lhes um céu livre, sob cuja cúpula se pode navegar sempre para além, sempre mais para além, até se aportar ao continente da Liberdade

Ilimitada. E lutam constantemente, infatigavelmente, perante a miragem fugidia que não quis deter-se ainda e que eles, sem a assinalar sequer, levam na alma, inoculada pelo mar. E chegam a odiar a terra que encarcera o rebelde, que a eles próprios agrilhoa, essa terra a quem dão, pródigamente, desdenhosamente, os seus esforços—e que é uma terra mártir e escravizada, onde florescem, regados por sangue humano, os juncos da tirania.

Mas um dia, o mar, que eles igualaram em bravura, abre seu seio profundo e sepulta-os, entoando um cântico surdo, fúnebre, um cântico de olvido e redenção. Exalta-os numa apoteose de ira, que é nele uma apoteose de ternura. E depois de lhes extraír a alma, que voejará sempre, como um fluido de energia e de revolta, sobre todas as distâncias, sobre as longitudes ilimitadas, ele arroja-lhes o corpo à terra—à terra desprezível que se sacia com os despojos da Liberdade.

As respostas serão recebidas até 10 de Outubro. Não tomaremos em consideração os trabalhos remetidos sem trazerem colado o cupão n.º 7 impresso no pé da página.

Achamos desnecessário informar os nossos amigos que o seu trabalho será traduzir para Esperanto, respeitando, é claro, a forma original, o texto publicado.

Os nossos três prémios, destinados aos três primeiros classificados, são, segundo a ordem:

INTERPOPOLA KONDUTO de Edmond Privat, PILGRIMO de Júlio Baghy e LA FUNDO DE L'MIZERO, tradução de Kabe.

Kvara konkurs de

"Portugala Esperantisto"

La solvojn oni sendu al Administracio de "P. E." ĝis la 30-a de Septembro.

La premio estas interesa libro dislotota inter ĉiuj, kiuj sendos la gūstan solvon.

Enigmo

Oni anstataŭ la punktojn per literoj tiamaniere ke horizontale kaj vertikale oni legu la samajn vortojn.

Ekzemple :

ORO
RID
ODO

..... Parto de la jaro (nur radiko).
..... Eldiri sian kredon (nur r.).
..... Argentbrila metalo (nur r.).
..... Sangmanka malsanstatato (nur r.).
..... Arbo, el kies floroj oni faras infuzion.

Enigmo

Anstataŭ la punktojn per la konvenaj literoj :

.. POR ..	Komforta, taŭga.
.. TU ..	Flava metalmiksajo.
.. GA ..	Skui la akvon en la bušo.
.. LA ..	Ludo tre praktikata.
.. ES ..	En la ventro.
PE ..	Parto de la floroj.
RAN ..	Parto de la kapo.
TIS ..	Kreisto de belaĵoj.
TO ..	Sin amuzi kiel infano.

Restam apenas poucos lugares para a excursão a realizar às Caldas da Rainha, S. Martinho do Porto, Nazaré, Alcobaça, Batalha, Leiria e Santarém em 13 de Setembro.

Há muito que conheço o Esperanto

(Continuado da página 49)

obstáculos, e isso devido, em parte, à elevada percentagem de analfabetos que ainda existe. E pena que as autoridades não interessem a divulgação do Esperanto, julgando-o exclusivo das ideias socialistas, mas o ensino e o seu uso não constituem crime algum.

Finalizando, o Dr. Agostinho Fortes disse-nos que o nosso jornal lhe agradava sobremaneira não só em virtude do seu aspecto gráfico mas também pela forma como se tem escolhido os assuntos nêle publicados.

Esta conversa satisfaz-nos plenamente, deixando-nos convictos que a alguns intelectuais portugueses o Esperanto tem merecido um pouco de atenção.

“NOVA VOJO” e “ANTAÜEN” visitam Queluz

No dia 5 do corrente, por indicação das secções excursionistas das L. E. S. «Nova Vojo» e «Antaüen», reuniu-se no pavimento superior da estação do Rossio cerca de uma centena de esperantistas e pessoas de suas famílias, a fim de visitarem Queluz, um dos mais pitorescos arredores de Lisboa.

A partida, marcada para as nove horas, efectua-se com alguns minutos de atraso, o que provoca o exacerbamento da impaciência com que é aguardado pelos excursionistas o início do segundo dos passeios organizados em conjunto por aquelas sociedades.

Finalmente, arrumados como sardinha em canasta, nas coxias, plataformas, pendurados nos estribos —excelentes, os serviços da C. P.—, ouvimos, com júbilo o sinal de partida. Inicia-se a marcha para a «Terra da Promissão».

Em todos os rostos transparece claramente a alegria de que estão possuídos os excursionistas ao antever os momentos de deliciosa convivência, que, por experiências anteriores, sabem ir gozar durante todo esse dia, na companhia dos seus «gesamideanoj».

E, apesar de alguns se encontrarem em posições verdadeiramente incômodas, prensados ou obrigados a sustentar-se à força de pulso, todos, sem exceção, riem, cantam e trocam gracejos que provocam a hilariedade dos circunstantes, não longando eximir-se-lhe até aqueles que, viajando accidentalmente no mesmo combóio, não fazem parte do nosso grupo. A alegria sã dos esperantistas, indivíduos irmados no mesmo ideal de paz e amor ao próximo, é irresistível, contagiosa.

A passagem do túnel faz-se rapidamente. De Campolide, Benfica e Amadora, nomes de estações intermediárias lidos de passagem, não há também, para nós, em breve, mais do que vagas reminiscências. São nove horas e trinta minutos; o combóio resfolegando, fazendo tremer o pavimento, acaba de entrar na estação de Queluz.

Um pouco amarfanhados, apeamos, respirando com prazer, livremente, o ar puro da manhã. Muitos esperantistas residentes naquela localidade aguardam-nos fóra da gare. Após a troca de inumeráveis apertos

de mão e abraços de boas vindas, organiza-se o nosso cortejo, que, com a bandeira ao centro, percorre aquela risonha povoação em passeio de propaganda. A nossa passagem desperta, como de costume, enorme curiosidade. Muitas são as pessoas que indagam do que se trata. Que pretende toda aquela gente? A resposta não se faz esperar dada, solitariamente, por um ou outro dos nossos camaradas. Rapidamente, mas de forma clara e precisa, as vantagens morais e materiais do nosso movimento são expostas áqueles curiosos. E, assim, conseguimos engrossar as nossas fileiras com muitas dezenas de novos adeptos e simpatizantes.

O dia amanheceu carrancudo, pessado. Densas nuvens amontoam-se no horizonte. Pouco a pouco aproximam-se e, em breve, começa chuviscando.

O sol, companheiro fiel, que jamais deixou de tomar parte nos nossos passeios, parece, desta feita, ter-nos despresado.

Depois de alguns minutos de espera, junto do palácio, cujos andaires, recordando-lhe o incêndio que há tempo quase o destruiu, arrancam, de novo, sentidas lágrimas, desta vez de saudade, à nossa sensível companheira de Outão, encaminhamo-nos para a quinta da Escola Prática de Agricultura, que tinha sido gentilmente posta ao nosso dispor.

Ali, aguarda-nos um espectáculo surpreendente e inesperado. Os nossos olhos acostumados aos raquínicos arbustos das ruas e avenidas de Lisboa, contemplam, deslumbraiados, um extenso caminho ladeado de frondosas árvores de porte majestoso, pelo qual nos internamos num denso bosque, que, a nós, leigos, nos parece uma verdadeira floresta virgem. Em breve, os excursionistas se encontram dispersos pela vasta e formosa mata, desejosos de aproveitar bem o seu tempo.

Após a primeira refeição, porque se tomaram variadíssimas durante o dia, todos convergem para uma enorme clareira que, no centro, dominando todos os caminhos, nos oferece um vasto campo para os nossos jogos e correrias.

Aparece a primeira bola de papel e, a seguir, uma de borracha. Or-

ganiza-se, imediatamente, um desafio de futebol (?), no qual tomam darte algumas dezenas de esforçados jogadores. O pontapé de saída, dado por uma das nossas jovens e belas companheiras, arranca fartos aplausos.

O sol, atraido certamente pelas gargalhadas sonoras que coroam as inhábiles jogadas dos improvisados atletas, mostra-se, por fim, de súbito, em toda a sua plenitude.

E, para que lhe perdoemos a falta de pontualidade, tenta recuperar o tempo perdido; mete-se connosco, queima-nos a epiderme obrigando-nos a bater em retirada e a procurar um abrigo na sombra.

Então, uma ideia atravessa a mente de alguns dos nossos camaradas: aproveitar as largas e longas pranchas de cortiça, arrancadas há pouco, aos sobreiros, improvisando com elas cómodos leitos, que dispõem à volta da ampla clareira. E, esse lugar, há poucos momentos ainda, cheio de ruídos, encontra-se agora mergulhado no silêncio, transformado, como por encanto, de campo desportivo em sanatório.

Passadas as horas da canícula, aqueles que se deixaram descuidosamente adormecer, e muitos foram êles, acordam surpreendidos ao som de dois harmónios em que dois tocadores, especialmente contratados pela comissão organizadora, executam uma série de moderníssimos tangos e rumbas, que fazem a delícia dos «gesamideanoj» dançarinos.

Os que não sabem ou não querem dançar não ficam inactivos. Organizam-se jogos de prendas. E, assim, no meio de alegria esfusiente, se passa o resto daquele inolvidável dia.

Pelas vinte horas iniciamos, com saudade, a retirada. Algumas senhoras sobram ramos polícromos de flores silvestres. Tinha terminado o segundo passeio organizado em conjunto pelas secções excursionistas das L. E. S. «Nova Vojo» e «Antaüen».

Como de costume, nem uma nota desagradável a registar. O nosso querido camarada Costa Júnior foi, mais uma vez, a alma da nossa excursão, contribuindo com o seu fino espírito para que a boa disposição reinasse, ininterruptamente, entre nós.

A. Gomes da Cunha

SCIENCO KAJ TEKNIKO

PRI PAPERFABRIKADO

DE CURT OLSSON

Vizitu Svedion dum la plej proksimaj semajnoj en Majo aŭ Junio kaj akompanu min al unu el ĝiaj multaj riveroj — al Lagan, en suda Svedio. La nexo, kiu falis dum la vintro, estas degelinta, la rivero ŝvelis kaj jam atingis sian printempan altivelon.

Jen vidu. Sur la akvosupraĵo fluas arbo-trunkoj. La plej multaj estas 2 metrojn sed kelkaj estas 4-6 metrojn longaj. Ĉiuj estas senselektitaj. Kelkope ĝis amasope ili venas. Multaj albordejgas kaj restas kvazaŭ garnajo laŭ la bordoj de la rivero. La aliaj daŭrigas malsupren, renkontigas kun miloj da novaj kamaradoj, ĝis ili venas al la fabriko en nombro de centmiloj.

La longajn trunkojn oni segas al traboj kaj tabuloj. Sed la malpli longajn trunkojn atendas pli komplika procedaro.

Vi scias, ke oni faras paperon el ili. Sed kiel okazas tio? Ĉu vi estas sciema? En tiu okazo vi akompanu min al Strömsnäs-bruk, kie mi povas gyidi vin tra la tiea paperfabriko.

Ĝi estas mezgranda fabriko kaj donas laboron al pli ol 400 laboristoj.

Ni eniras tra la pordegoj. Dekstre de ni estas la fervojaro. Maldekstre amasiĝas la fabrikejoj. Tie kaj tie ni vidas kelkajn laboristojn. Ni aŭdas la obtuzan bruon de la mašinoj. Nigreta fumistro elvenas el la kamentubego. Alie ĉio estas trankvila. Vico da verdiĝantaj betuloj ornamas nian vojon.

Unue ni iras al la senseleigejo. Tie ni denove renkontas niajn trunkojn. Per transportilegoj ili venas el la provizejo, kiu situas kelkcent metrojn trans la rivero. La trunkoj, kiuj havas malbele grizan koloron, eniras mašinon. La laboristo malsuprentiras la efikilon — oretranĉa bruo — la trunko elvenas pura kaj blanka, kvazaŭ tornita. Ĝi falas en alian mašinon, kiu tute dispecigas ĝin. El la granda trunko farigas nur ligneroj (t.n. splitoj), kiuj per transportbendo rapide veturas supren al la boligejo.

Tien ni devas iri. La du bokaldronegoj etendigas tra tri etaĝoj. En ili oni boligas la lignerojn kune kun sulfita lesivo (kalcia bisulfito). La lesivo solvas ĉion escepte de la celulozo. Ni ekscias, ke la temperaturo en la kaldronegoj estas 135-140 gradoj laŭ Celcius, kaj ke oni devas boligi la splitojn dum 16-20 horoj. Ni ne povas observi la procedon, sed ni sentas la odoren de sulfuroksido malagrabla en nazo kaj orgo. Pro tio ni daŭrigas.

La ligno de la sveda abio konsistas ĝis ĉirkaŭ 50 % el celulozo (la sama mate-

rialo, kiu konsistas kotonon kaj linon). Celulozo estas fortika kaj rezista materialo nesolvebla en preskaŭ ĉiuj solviloj. La aliaj 50 % konsistas el lignino kaj rezinoj. Ili ĉiuj estas solveblaj en la lesivo. Post kiam oni forlavas la lesivon, nur restas celulozaj fibrofaskoj de flavetblanca koloro (oni povas tute blankigi ilin per kloro).

Nu tio estas sulfitmaso, kaj nun la ligno estas trapasinta la unuan etapon survoje al papero.

Oni miksa la mason kun multe da akvo, fluigas ĝin sur longan senfinan metaltukon, kiu movigas ĉirkau. La akvo trafluas kaj la masofibroj restas sur la tuko en millimetrodika tavolo. Gi estas rulita ĉirkau stango en granda rulaĵo.

Nun ni iru al la «holandanejo». Jen en tiu ĉambrego staras grandaj mueliloj, tiel nomataj «holandanaj». Ili aspektas kiel malnovaj radvaporispoj kun po unu padelrado. En ili ĉirkaufluas la maso dum ĝi estas muelata. Laŭ la speco de la fabrikota papero la maso estas bruna, blanka aŭ kolorigita. Oni alveretas al ĝi multajn strangajn ajojn, ekz. gluajojn, alunon, kaolinon, sulfuracidon, ktp. Kiam la masofibroj estas sufiĉe muelitaj, oni ellatas la mason, miksa ĝin kun ankoraŭ iom da akvo kaj fluigas la miksaĵon sur metaltukon, similam al tio, kiu ni renkontis en la sulfitejo. Sed tiu ĉi tuko estas pli granda kaj havas malpli grandajn truetojn. Ĝi forte skuiĝas kaj forfiltras la akvon, kaj intertempe ĝi senfine movigas antaŭen ĉirkau siaj du ruliloj. Ĉe la fino de la tuko la maso ekaspektas kiel maldika tavolo de akveca molaĵo. Tiu tavolo tuj daŭrigas sur felto inter kelkaj paroj da premcilindroj. Kaj jen la tavolo forlasas tiujn cilindrojn kaj movigas libere en la aero distancas de kelkaj decimetroj. Nun ĝi ne plu estas nur tavolo de maso. Gi rajtas esti nomata papero — malseka ja — sed tio estas facile helpebla. La larga papervojo eniras inter la grandaj feltkovritaj sekigcilindroj. La restanta akvo forvaporigas, kaj ĉe la fino de la mašino elvenas la papero krakante seka, bele glata kaj fajreranta pro frotelektro. Ĝi ruligas ĉirkau stango kaj estas preta.

Kaj nun, amiko, se vi ankoraŭ ne estas laca, ni povas iomete rigardi la aliajn papermašinojn. Ili estas entute ses. Ĉe tiu ĉi giganta mašino oni faras kovrilpaperon, jen oni faras sakpaperon, jen fortkvalitan brunan paperon, kaj jen vi vidas la plej belan diafanan «buterpanpaperon».

LA ETIKA VALORO DE ESPERANTO

Speciale verkita por la "Semajno de la boneco" okazinta en Portugalio de la 31-a de Majo al la 7-a de Junio.

Plenprave oni povas diri, ke Esperanto estas infano de Amo, produktaĵo de Amo. Estas malfacile en la Historio trovi pli sendambician kaj modestan homon ol D-ron Zamenhof, la kreinto de Esperanto. Dum tutia vivo li laboradis pro amo al siaj kunhomoj, kiam li plenumadis sian profesion agadon kiel okulkuracisto kaj kiam, dum vesperoj kaj noktoj post la profesiaj tagoj, laboris por sia ideo, la internacia lingvo. Tiu ideo por li estas nenio "hobby" por distri liajn pensojn post laborplena tago; ĝi estas por li lia plej grava tasko en la vivo, la *enhavo* mem de lia vivo. Li neniel kreis sian lingvon pro la lingvo mem; li kreis ĝin, por ke ĝi estu *rimedo* per kiu fratigu la tutu homaro en amikeco kaj kompreneble. Tion ni ree kaj ree legas en liaj leteroj kaj en liaj verkoj. Li opinis pravege, ke la homaro bezonas, bezonegas tian rimedon, bezonegas ĝin pli kaj pli pro la kreskanta internacia komunikado.

La blinduloj de la mondo ankaŭ bezonas la internacion lingvon. Ne nur pro tio, ke la blinduloj estas parto de la homaro, kaj partoprenas la benojn kaj la devojn de la kulturo; ne, la blinduloj bezonas Esperanton ankaŭ kaj precipe pro si mem, bezonas ĝin eĉ pli ol la vidantaj kunhomoj. La blinduloj en ĉiu loko estas, feliĉe, tre malmultaj. Ili sentas sin izolitaj, ili bezonas unu la alian. Esperanto igis por la blinduloj tute speciale *ligilo*, kiu kunligas ilin, kie ajan ili logas en la mondo. Per tiu rimedo ili amike korespondadas, konsiladas unu la alian, helpas sin reciproke, konsoladas kaj kuraĝigadas.

Esperanto havas grandegan praktikan valoron, sed oni hezitas, ĉu ĝia etika valoro ne estas eĉ pli granda pro la misio de amo kaj kunligado, kiun donis al ĝi ĝia kreinto.

HARALD THILANDER.

(Ĉefo Redaktoro de «Esperanta Ligilo» kaj Sekretario de Universala Asocio de Blindul-Organi-zaĵoj).

La fabriko ankaŭ entenas specialan sekcion por kartonfabrikado. Sed ĝin ni povos vidi alian fojon. Mi proponas, ke ni honoru la arbaron koniferan per nia vizito kaj ripozu ĉe ĝia malserena sino. Gi taŭgas por pli multe ol por nur paperfabrikado. Venu.

Strömsnäsbruk (Svedio), Aprilo 1936.

FALANTAJ FOLIOJ O Esperanto e a literatura

Angloj kaj Esperanto

La nunjara kongreso de Sennacieca Asocio Tutmonda okazos en Manchestro. Al tiu ĉi por la legantoj malnoviganta informo, kies graveco kuſas nur en tio, ke la kongresloko estas en Anglio, mi aldonis alian ankaŭ «hargrizigantan» sciigon: UEA vojagas de Svisio al Granda Britio.

La legantoj ne ŝultroskuu tro senripense ĉe tio ĉi; bonvolu rimarki, ke la angla lingvo ludas en tutu mondo preskaŭ internacian rolon. Fakte en ĉiuj kontinentoj oni parolas anglalingve; la fiera Albiono havas sian imperiopartojn en ĉiuj «anguloj» de la mondo.

Kaj kiam ni celas konvinki iun pri la internacio kaj disvastigeo de Esperanto, oni aŭdas la senسانgan respondon:

— La franca, ja, kaj la angla, ho! la anglan, jes, oni parolas kaj uzas ĉie...

Kaj unuanime niaj kontraŭuloj koncentras pri tio, ke neniam la angloj akceptos alian lingvon kiel internacian.

Respondon al tiu senbaza opinio nun donas niaj anglaj samideanoj: ĝuste en la koro de la anglalingva lando instaliĝas la centrejo de la neutrala esperantista movado, kore akceptata de tieaj esperantistoj, kiuj pretigas por vigla laborado pri la malbonfinanca asocio. Dume laboristasocia kongreso elektas ankaŭ tiun samalandon, kiel plej taŭgan por sia okazo.

Anstataŭ pledi por la angla lingvo, kion faras naivaj alilanduloj, la angloj akceptas kaj laboras por Esperanto. Kion aldoni al tio ĉi? La faktoj parolas tre elokvente...

COSTA JÚNIOR

O Esperanto e a Rádio

A recente conferência do Rádio Clube de Itália aprovou a seguinte importante resolução:

«A Conferência, na qual também tomam parte representantes de algumas associações rádio-electrísticas, verifica que a expansão universal da telefonia sem fios exige um meio para vencer as barreiras lingüísticas e recomenda por isso o emprêgo do Esperanto nas informações destinadas a auditório estrangeiro.»

Lembremos no entanto o que escrevemos no final dos nossos artigos sobre idiotismos; isso valerá mais do que todos os argumentos que se pudesse apresentar, porque é a prova dada pelos factos.

As muitas traduções e as obras originais produzidas em Esperanto provam evidentemente que os idiotismos das nossas línguas — e isto constitue, no campo literário, o grande argumento contrário — podem ser traduzidos de forma comprehensível para todos, de nenhuma maneira diminuindo a força e a beleza dos pensamentos.

Na *Iliado*, de Homero, no *Hamlet*, de Shakespeare, em *Kaino*, de Byron, em *Demono e Princino Mary*, de Lermontov, em *Boris Godunov* e *La neĝa blovado*, de Puškin, em *Fantomoj*, de Korolenko, em *Renaskita Manfred*, de K. R., em *La gefratoj*, de Goethe, no *Edziĝo de Figaro*, de Beaumarchais, no *Literaturisto kaj lia fiancino*, de Flygare-Carlton, no *En la brikoj*, de Wasniewski, etc., apresentamos ao mundo uma tam grande colecção de idiotismos gregos, ingleses, russos, alemãis, franceses, suecos e polacos de tal maneira traduzidos em Esperanto, que até o mais obstinado dos cépticos tem de se confessar vencido.

E foi isto mesmo que sucedeu a um dos nossos conhecidos, professor de inglês. Julgava ele impossível a existência da língua internacional. Quando o obrigámos a verificar a sua existência, deixou de o negar, mas refugiou-se na pretendida incapacidade de uma língua artificial poder exprimir as subtilidades do pensamento. O seu mais forte argumento eram os idiotismos. Nunca, pensava ele, o Esperanto poderá traduzir satisfatoriamente uma obra prima das nossas literaturas.

Começou a estudar o Esperanto e a fazer a leitura da tradução do *Hamlet*, feita para aquela língua pelo próprio Dr. Zamenhof. O seu único fim, confessou ele sinceramente, era poder-nos provar, com documentos à vista, que tinha mil vezes razão. Leu o texto inglês, comparando-o constantemente com a tradução esperanta, muito convencido de a ir encontrar em falta a cada passo. Qual não foi, porém, a sua surpresa quando teve de confessar que a tra-

dução, não contente em ser fiel, adaptou a si incrivelmente a cõr e a vida do texto original!

Deixou de duvidar; deixou de falar de idiotismos e da pretendida incapacidade de o Esperanto poder traduzir as principais obras literárias. Com espírito inteiramente diverso, entregou-se então a uma nova experiência. Tomou diferentes traduções do drama de Shakespeare e passou a compará-las com a do Esperanto. Após minucioso exame, a sua conclusão foi que «a tradução em Esperanto é, em grau bastante elevado, a melhor de todas».

Os que alimentam dúvidas façam como aquele nosso amigo; e verão, pelo menos, que o Esperanto, na literatura, desempenha o seu papel tam bem como as nossas línguas. O Esperanto arrasta, como cada uma delas, a sua nota especial, o seu gênero próprio.

E poderia ser de outro modo? Apesar de assinalado com a marca da lógica e da clareza, o seu carácter literário não é nem menos real nem menos bom. Poderá até parecer melhor a um atento exame.

Mas, dir-se-á, para que insistir tanto neste aspecto literário do Esperanto, como se a língua internacional tivesse o fito especial de ser superior? Este, decerto, não foi o pensamento que nos inspirou.

Concordamos de boa mente que antes de procurar atingir a alta religião da literatura a língua internacional deve satisfazer as necessidades diárias da vida, do comércio e da ciência. Mas faremos notar que essas necessidades só poderão ser satisfeitas se a língua possuir a riqueza, a precisão e a flexibilidade necessárias para a eficaz expressão das nossas ideias. E, se o puder fazer cabalmente, também deve estar apta a ir mais alto, e a igualar, pelo menos, as nossas línguas na actividade literária.

Por outro lado, conhece-se por ventura a maneira de tratar um tema científico, uma questão moral, económica, etc., contar até uma simples ocorrência ou escrever uma carta sem fazer um pouco de literatura? Tivemos pois razão quando afirmámos que a língua internacional não servirá para nada se não servir para tudo.

L. DE BEAUFONT.

Visitantes Esperantistas

Recebemos durante o mês de Julho a visita dos esposos Parker e de E. Lanti. Com a devida vénia transcrevemos, acérca da visita dos primeiros, parte do artigo do nosso samideano Saldanha Carreira publicado pelo jornal «República» de 8 de Julho de 1936:

«— E se se é hóspede de esperantistas amáveis...

— Sim, é, na verdade, um grande prazer encontrar tantos esperantistas: e, no entanto, ainda não são tantos quantos desejava. Eu quero que toda, toda a gente use a nossa querida língua. Já visitei a sociedade «Nova Vojo» e confesso que fiquei entusiasmado com a recepção que todos aqueles curiosos me fizeram. Bombardaram-me com perguntas sobre assuntos ingleses e o nosso Esperanto foi animadamente falado. Muito hábeis. Assisti a parte de uma lição e agradou-me o método de ensino».

Acérca do segundo transcrevemos na íntegra a notícia publicada no jornal «O Século» de 8 de Julho:

Prof. E. Lanti

Encontra-se em Lisboa este escritor francês e categorizado esperantista

«Chegou ontem a Lisboa, vindo de Madrid, o professor e escritor francês sr. E. Lanti (E. Adam), individualidade de relêvo nos meios intelectuais franceses, autor de numerosas obras, em francês e Esperanto, e um dos fundadores da Associação Internacional de Esperantistas e do jornal «Sennaciulo», das revistas «Sennacieca Revuo» e «Herezulo», de que foi, durante muitos anos, director. O seu último livro, «Cu konstruiĝas socialismo en Sovetio?», de impressões da sua viagem à Rússia, é um dos mais fortes libelos contra a experiência marxista no país dos soviets.

O sr. prof. E. Lanti, que saiu de Paris em Maio, numa peregrinação de estudo através do mundo, sobre a civilização dos vários povos, cujos resultados promete dar numa obra que vai publicar, permanecerá até o fim do mês em Portugal, onde tenciona colher elementos sobre o folclore, a literatura e os costumes portugueses, e tratar com alguns escritores da tradução das suas principais obras para Esperanto».

Enlanda Movado

Lisbono. — Esperantista Societo «Nova Sento». — Nun funkciás du kursoj: elementa kaj praktika, ambaŭ gvidataj de k-do Amadeu Monteiro, kies malfermoj okazis la 1-an kaj 19-an de Junio. Ankaŭ sukcese daŭras kurso per korespondado. La propagandaj servoj de ĉi tiu Societo okazigis promenadon al Rocha de Carnaxide, dum kiu nia lingvo estis interkomprenebligilo.

Liga dos Esperantistas Ocidentais. — Je la 28-a de Junio okazis grava esperantista festo en la sidejo de tiu ĉi societo. Delegitoj de Antaŭen, Fratiga Stelo kaj Progresemaj Amikoj prezidis la feston. Armando Lima Almeida, generala sekretario de Ligo, salutis la ĉeestantaron, parolante pri la aktiveco por-Esperanto. Poste oni inaŭguris novan flagon, dume muzikgrupo ludis "La Espero"-n. La prezentado de Pionira Grupo mirigis la ĉeestantojn kaj sekve sinjorino Maria Machado, unua grada instruistino, diris brilan paroladon pri nova pedagogio kaj novaj porinfanaj instrumetodoj.

Aliaj invititoj parolis pri diversaj aferoj rilatantaj al la festo. Vespere daŭris la festo. Tiam oni deklamis esperante kaj oni ludis esp-muzikojn. Studentoj de la Scienca

LETERKESTO

M. M. S. — Lisboa. — Poderá ser que alguém se decida lançar uma nova edição do livrinho «O Esperanto sem mestre». Contudo não seremos nós a fazê-lo porque infelizmente as «massarocas» não abundam pela nossa casa. Tem no entanto muita razão. E estamos certos que, como elemento de propaganda, tal livrinho não era nada mau.

António Gaia — Silves. — Ni atendas vian viziton. Tiam mi priparo'los la «P. E.»-an propagandon en via urbo.

Renato de Beça e Melo — Penafiel. — Ni estas feliĉaj, ĉar vi sukcesis arangi korespondanton pere de «P. E.». Malgraŭ via opinio pri Esperanto, ni esperas, ke vi kunlaboru sur niaj paĝoj.

Joaquim Lopes Padinha — Gelfa. — Deziante vian baldaiañ resanigon, ni estas ĉiam je via dispono. Niaj oferoj restas samaj.

João Almeida Gomes — Leiria. — Legu alioke, en la lasta numero, informon pri ŝakrevueto direktota de Costa Júnior. Certe tiu informo plaços al vi. Tiam ni publikigos ŝakangleton.

Maria M. Pereira Duarte — Ponta Delgada. — Ne timu, kara samideanino. Sendu al ni vian kunlaboraĵon, kium ni akceptos pleasure. Nia unua numero estas de longe elcerpita. Tamen vi povas ankorau havigi ĉiujn numerojn sur pli bona papero kontraŭ 9\$00 jare. Cu vi volas?

Fakultato oratoris pri la celo de Esperanto, kiuj finfine estis vigle aplauditaj.

La de Sankta Amaro kvartala popolo fieras ĉar Liga dos Esperantistas Ocidentais estas unu el la plej gravaj esp-societoj de Lisbono.

Oeiras. — Biblioteca Operária Oeirense. —

Por festi la trian datrevenon de tiu-ĉi institucio okazis solena kunveno la pasintan monaton je la 19-a. Prezidis D-ro Agostinho Fortes kaj nia k-do Armando de Aguiar, generala sekretario de "Antaŭen". La unua parolis pri la kulturaj celoj de biblioteko, kies fruktoj ricevas la tieaj gelaboristoj. Armando de Aguiar je nomo de "Antaŭen" klarigis la ĉeestantaron pri la celo de Esperanto kaj videblaj profitoj de nia helpingvo.

Carlos Nogueira, la estro de Kultura kaj Propaganda Fako de "Antaŭen", pritraktis la facilecon kaj simplecon de nia lingvo. Tiu festo finigis per varmaj aplaudoj al la oratoroj kaj vivu-oj al Esperanto.

Madejro. — Atlantika Perlo - Funchal. — Ma-

lho Rodrigues kaj Manuel da Câmara direktois la familiari festeton kiu okazis ĉe la sidejo de ĉi tiu esp-grupo la 12-a de Julio. La programo konsistis el dramo, komedio kaj kantoj. Tiamaniere niaj madejraj samideanoj pasigas la tempon kaj samtempe propagandas Esperanton varbante novajn simpatiantojn.

RIGARDO SUR ESPERANTION

— Jubilea kverko plantita de la partoprenantoj de la Universala Kongreso de Esperanto de 1927 en la teritorio de la "Libera Urbo Dantzig" estis forsegita antaŭ kelkaj semajnoj de la naci-socialisto. Sur la stona tabulo atestinta pri la fakteto, oni skribis: "Deutsche reden deutsch" (Germanoj parolas germane).

— La dudekakan fojon en Francio, oni inaŭguris "Straton de Zamenhof" en Thiers la 10-an de Mayo.

Fraŭlino Zamenhof, la filino de la Majstro, akompanata de multaj samideanoj el Lione, estis atendata de entuziasma homamaso el ĉiuj centraj kaj sudaj regionoj de Francio.

Dum la ceremonio de inaŭguro, S-ro Laroche, parlamenta deputito, laudigis la idealismon de D-ro Zamenhof kaj proklamis sian neekskueblan fidon al la estontejo de Esperanto.

— La reskripto de la Politika Polic-komandanto Himmler de la 20-a de Junio, ĉiuj organizoj de artefaritaj lingvoj en Germanio devis sin likvidi tuj kaj raporti gis la 15-a de Julio sian likvidon.

Inter la likviditaj organizoj estas: Germana E.-Asocio, pri kies kongreso ni raportis en lasta numero, Nova Germana E.-Asocio, E.-Klubo Amika Rondo, en Berlino, kaj Komerca E.-Unio, en Dresdeno, kaj Occidental-organizaĵo.

MORTO DE LA KRONPRINCETO

Ci-tiun modestan tradukon, mian unua esperantan laboraĵon, dankeme mi dedicas al mia amiko Manuel Firmino, kiu inicis min en Esperanton.

J. A. C.

La kronprinceto estas malsana, la kronprinceto baldaŭ mortos. En ĉiuj pregejoj de la regno estas eksposicito, nokte kaj tage, la sakramento, kaj brulas grandaj kandeloj por la sano de la reĝa infano. La stratoj estas malfajaj kaj silentaj, ne sonoras la pregejsonoriloj, kaj la veturiloj veturas malrapide. Ĉirkaŭ la palaco, la scivolemaj burgoj rigardas tra la kradoj al la pordistoj, kiuj interparolas en la kortoj, kun majestaj mienoj, fieraj pri siaj orumitaj rubandoj.

En la palaco ĝio movigas. Ĉambelanoj kaj servistoj supreniras kaj malsupreniras, rapide, la marmorajn ŝtuparojn. La galerioj estas plenaj de pagioj kaj korte-ganoj, silke vestitaj, kiuj iras de grupo al grupo, serĉante mallauzaj sciigojn. Sidantaj sur largaj sojloj, la reginaj kortegulinoj, tute ploremaj, faras grandajn riverencojn kaj sekigas siajn okulojn per belaj brodita poštuketoj. En la oranĝerio okazas granda kunveno de togitaj kuracistoj. Oni vidas ilin, tra la vitroj, svingi siajn grandajn nigrain manikojn kaj klini doktore siajn frizitajn hararojn. La guvernisto kaj la ŝildportisto de la regideto promenas antaŭ la pordo, atendante la decidojn de la doktoraro. Kuiraj servistoj preterpasas kaj ne salutas ilin. Sinjoro ŝildportisto grumblas tiel kiel pagano, kaj sinjoro guvernisto deklamas versojn de Horacio. Kaj dum, malsupre, ĝe la ĉevalo, audiĝas longa lamenta ĉevalbleko. Estas la brun-flava ĉevalo de la kronprinceto forgesita de la stalistoj, vokanta ilin, malgoje, ĝe la malplena mangajo.

Kaj la reĝo? Kie li estas?... La reĝo fermigis tutose en ĉambro, ekstreme de la palaco... Al la reĝoj ne plaĉas, ke oni vidas ilin plori... Sed ĝe la regino ne okazas simile. Sidanta ĝe la kapo de la princo, kun sia bela vizaĝo maisekigita de larmoj, ŝi singultas laŭte antaŭ ĉiuj, tiel kiel farus la ĉefonistino en identaj cirkonstancoj.

En puntogarnita liteto, la eta princo, pli blanka ol la litkuseoj, sur kiuj li kušas, ripozas okulfermita. Oni kredas, ke li dormas, sed ne, la regideto ne dormas. Nun li turnigas al sia patrino, kaj vidinte, ke ŝi ploras, li diras ŝin:

— Mia Reĝina Mošto, kial vi ploras? Ĉerte vi kredas, ke baldaŭ mi mortos.

La regino volas respondi, sed la singulatoj malhelpas ŝin.

— Ne ploru, mia Reĝina Mošto; certe vi forgesas, ke mi estas la kronprinco kaj ke la kronprincoj ne devas morti tiel...

Nun la regino ankoraŭ pli singultas kaj la regideto ekmaltrankviliĝas.

— He! Ii aldiras, mi ne volas, ke la morto venu forporti min; mi ne permesos, ke ĝi eniri ĉi-tien. Venigu tuj kvardek fortikajn soldatojn, por ke ili faru gardadon ĉirkaŭ mia lito. Ke cent kanonoj estu pre-taj, nokte kaj tage, sub miaj fenestroj. Kaj kompatindu estos la morto, se ĝi kuragos alproksimiĝi al mi.

Por plenumi la volon de la princo, la regino faras mansignon. Tuj audiĝas grandaj kanonoj ĉirkaŭeturantaj en la korto, kaj kvardek militistoj enpugnantaj halebar-dojn enviciĝas ĉirkaŭ la dormeĉambro. Tiuj estas ĉiuj maljunaj soldatoj, kun grizaj lip-hararoj. Vidinte ilin, la kronprinco manfrapas. Li rekonas unu el ili, kaj vokas lin:

— Lorane! Lorane!

La soldato faras paſon al la lito.

— Mi estas granda amiko via, mia maljuna Lorane. Donu al mi vian grandan sa-bron. Se la morto volos forporti min, ni mortigos ĝin, ĝu ne vere?

Lorane respondis:

— Jes, mia Sinjoro...

Kaj du grandaj larmoj traglitas liajn sunbrunajn vangojn.

Ĉi-momenton kapelano alproksimiĝas al la malgranda princo kaj parolas lin dum multe da tempo, mallaŭte, montrante al li kruċiifson.

Komence la regideto aŭskultas la kapelanon tre mirigita, sed poste interrompis lin rapide:

— Mi komprenas bone tion, kion vi diras al mi, sinjoro pastro, sed ĝu mia amiketo Bepo ne konsentos morti anstataŭ mi, se ni donos al li multe da mono?

La kapelano lin parolas denove, mallaŭte, kaj la eta regido ŝajnas pli kaj pli mirigita.

Baldaŭ la kapelano silentigas kaj la princo rediras sopire:

— Ĉio, kion vi diras al mi, estas tre malgojiga, sinjoro pastro, sed io konsolas min: tio estas, ke supre, en la paradizo de l' steloj, mi daŭros esti la princo...

Mi bone scias, ke Dio estas mia kuzo; do li traktos min laŭ mia alta rang.

Poste li turnas sin al la patrino kaj diras:

— Oni alportu al mi miajn belajn vestojn, mian blankan ermenpelerinon, miajn velurajn ŝuojn! Mi deziras prezenti min fieri antaŭ la angeloj kaj eniri en la paradizon laŭ kronprinco.

Triafoje la kapelano klinigas sur la regideton kaj parolas lin longe, mallaŭte.

Tiam, meze de la pastra parolado, la reĝa infano interrompas lin kolere:

— Sed tiamaniere esti kronprinco kaj esti nenio estas tute egale!

Kaj volinte aŭdi nenion plu, la regideto turnis sin al la muro kaj ekploris tre amare.

El la portugala eldono de la libro *Leteroj el mia muelejo*, de Alphonse Daudet, esperantigis

J. A. CARMO.

Barreiro, 1936.

BONA LECIONO

Ĉina imperiestro havis ĉevalon, kiun li tre estimis kaj kiu mortis pro nebona zorgado de ĉevalastro mallerta.

Jus eksiente ke ĝi ne plu vivas, la imperiestro ekfuriozigiĝis tiom, ke eltrinte la glavon, la kulpaton li tuj volas senvivigi.

Prudenta mandareno ĉeestinta la scenon sukcesis eviti la mortigan glavtranĉon.

— Sinjoro — li diris la regnestrон — tu homo estas ankoraŭ ne konvinkita pri la graveco de lia krimo, krimo kiun li faris kaj pro kiu li devas morti. Lasu min tion ekspliki al li.

— Estu tiel. Sed faru tion rapide; — interrompis la imperiestro — ĉar mi estas tiom soifa al vengo, ke mi ne povas longe atendi!

— Aŭskultu, fripono — diris la mandareno, rigardante kun indigno la ĉevalestrон. — Aŭskultu la mallongan rakonton pri viaj kulpoj.

“Unue, vi lasis mortigi ĉevalon kiun via sinjoro konfidis al viaj zorgoj.

— Malfeliĉe estas vere!

“Due, estis pro vi, ke nia amata mošta princo eksentis tiun atakon de furiozecoj ke li estus povinta forpreni la vivon de vi, sin malhonorigante antaŭ la okuloj de l' mondo. Imagu al vi, mortigi homon pro ĉevalo! Kiel vi vidas, vi estas granda krimulo! Ĉu vi komprenis nun la grandiozcon de viaj kulpoj, de viaj krimoj?

Tiam la imperiestro ekkompremis ke oni estis donanta al li grandan lecionon kaj humile ekkritis:

— Lasu mi en paco tiun homon, ĉar mi estas jam pardonita.

El gazeto *“Diário de Lisboa”*.

Trad. José Vicente Júnior.

O Curso Primário de Esperanto por Adolfo Trémouille custa 3\$50. Á cobrança mais 1\$00. Pedidos ao “P. E.”

DE RODRIGO DE GUSMÃO

Portugala Esperantisto

Monata organo de la portugala esperantista movado

Direktoro

MANUEL DE JESUS GARCIA

Redakcio k. Administracio

RUA JARDIM DO REGEDOR
5, 4.^o- LISBONO / PORTUGALIO

Jarabono

FRANCAJ FRANKOJ, 7

Oni sendu monon per responduponoj
au postmandato

Car Esperanto ne ankoraŭ triumfis...

DE COSTA JÚNIOR

Antaŭ miaj okuloj kuſas leginda artikolo aperinta en «Nia Gazeto». La unua frazo enhavas la resumon de la tutu artikolo:

«La homoj kutimas nomi *progreso* ĉion, kio anstatatias ion antaŭian».

Tiu teorion ankaŭ oni aplikas al Esperanto, kaj tial sinsekvas amasojn da neologismoj lastatempe enkondukitajn en Esperanton emfaze oni nomas *progreso*. Por la plej simplaj ideoj oni provas la uzadon de nova radiko, eĉ se la malnova perafika vorto plene taſigas kaj eĉ se ĝin oni ĉie uzas kontentige. Kaj tio ĝenerale oni ne kuras kontraŭbatali, ĉar ĝi estas *progreso* kaj tiu ĉi nur stultuloj celas embarasi...

Zamenhof, per la genia eltrovo de sia afiksaro, donis al ni la eblecon esprimi nian penson per tute novaj rimedoj... ĝin oni ŝuas tra elegante paĝojn de la malnovaj aŭtoroj, de Zamenhof, de Kabe, de Grabowski, ktp. En ili aperas verkoj nia lingvo sonas bele, elegante kaj memstare. Male, la nuna verkistaro, kiu ŝajne maſatas la trezoron de la afiksaro, amasigas novajn, ofte nekompreneblajn, vortojn... Eble mi eraras; eble mia gusto ne estas ŝusta; sed mi devas konfesi, ke la plezuron, kiun donas al mi la legado de niaj malnovaj majstroj, mi neniam retrovas en la verkoj de la nunaj. Ŝango mi konstatas, ne progresos.

Tiu ĵ pravajn vortojn el la citita artikolo mi prezentas al la portugala samideanaro kun la admono pri tio, ke oni klopodu imiti la stilon de la malnovaj esperantaj aŭtoroj. En ili aperas la vortoj fluas nature, senpene, logike, belse...

Certe vi, portugalaj esperantistoj, jam konstatis tion, kion supre mi transskribis; kun mi certe vi opinias, ke ekzemple la prozo de Zamenhof estas tuj unuavide komprenebla. Tamen multaj modernaj verkajoj nur malfacile oni komprenas kaj tradukas. Komencaj esperantistoj kelkfoje konfesis al mi sian miron pri la komprenebleco kaj ĉarmo de la Zamenhof-aj verkoj; kaj aliaj, kontraŭe, plendas pro la malfacileco de la artikoloj aperintaj en kelkaj esperantistaj gazetoj, kies lingvoj ili pene sukcesas kompreni.

Laŭ mia seninflua opinio, la afero sin prezentas dangera por la vivipoveco de nia lingvo. Pli kaj pli nerekonebla, Esperanto baldaŭ perdos la admirindan kapablon, kiun al ĝi donas la genia kummetado de radikoj kaj afiksoj. En la estonteco, ŝajne oni devos lerni radikon post radiko, fariginta senutila la logika afiksaro de nia helpa lingvo....

Kaj se por ni, latinidoj, Esperanto prezentas ian malfacilecon, kiun ĝi antaŭine longe ni ne konis, kion diri rilate al eksterelipanoj, kies lingvoj havas nenian komunan trajton kun la eftropoj? La internacia lingvo farigas preskaŭ tiel malfacila, komplika, kiel la angla aŭ la franca!

Ankoraj estas tempo halti sur la dangera vojo. Por tio suficias, ke ĉiu esperantisto konsci pri la afero kaj klopodu sekvi la gustan vojon kaj konvinki la aliajn pri tio, ke Esperanton oni endangerigas sendube, se oni persiste daŭrigas la kondamnatatan maltaſigan sistemon: provi kaj enkonduki senbezonaĵa radikojn.

Al ĉiuj mi konsilas la legadon de la klasikaj verkoj kaj ke laŭleble oni klopodu imiti ilian stilon. Per tio ĉi oni faros gravan servon al Esperanto kaj helpos al ĝia "progres" marŝado. Oni memoru, ke *ESPERANTO NE ANKORAŬ TRIUMFIS...*

Alvenis la monato Majo. La laboristoj estas kontentaj; baldaŭ ili komencos la tritikrikolton, kiu iam forgesigas la vintran mizeron. Dum tiu-ĉi laboro la salajroj estas iam pli altaj, ĉar tia laboro ne povas esti prokrastata. Krome, la tritikrikolto estas la ciga, ofte mortiga laboro, ĉar la suno radias siajn varmegajn radiojn sur la alentejan ebenaĵon kaj ne flankigas de la kompatindaj falĉistoj.

La arboj estas maloftaj kaj nur de tempo al tempo varma bloveto ondigos la tritikfoliaron. La varmego estas sufoka. Eĉ la birdoj ne kurugas flugi el la nestoj. De tempo al tempo grilo ekkantas: kri... kri... kri.

Poste, alia sekvas la unuan kaj baldaŭ oni aŭdas kvazafaj orkestron. Papilioj gracie flirtas en la aero.

Estas la tria. La matena krepusko estas ankoraj malproksima. Tra la kurbaj stratoj de alenteja vilago sonoras blovinstrumento el korno.

Estas la falĉistestro por maldormigi la falĉistojn. Dum unu horo la stratoj estas plenaj je personoj kaj oni aŭdas dise la kriojn: "Ellitigu!" "Ellitigu!".

Aroj da gejunuloj pretarpas kaj ekkantas. La juneco estas tia: ĝi baldaŭ forgesos ĵa pasintajn malferdojn kaj mizeron. Iu ne kantas: ili estas paroj da geomantoj babiliantaj pri siaj esperoj en la estonteco. Kaj ĝi sin prezentas al ili: nur labori, kaj labordi dum la tuta vivo.

Mateniĝas. Sur la vojo svarmas aroj de personoj, azenoj kaj kaprinej. Gi estas kvazafaj foiro. La regionaj kantoj, plenaj je melankolio kaj sopira malgajeco aŭdiĝas nun pli mallarĝe. La alalidoj ekkantas kaj salutas gaje la novan tagon. Al ili certe ne korpremas la penso pri la estonteco: la Natura, ĉies patrino, liveras al ili ĉiutagan mangon.

— Kantu gaje! ŝajnas diri al la preterrantaj ili aŭ kantetoj... Ho, jes, diras la homo, vi povas kanti gaje ĉar al vi oni ne-nion postulas, sed al ni...

Jen la gefalĉistoj alvenas ĉe la laborlokon. La falĉiloj ekdetranĉas la maturan tritikon. Nur oni aŭdas la kraketon de la tritikfoliaron. Kurbigintaj super sia laboro la gefalĉistoj preskaŭ ne povas spiri. La ŝvito fluas el ili aŭ fruntoj kaj falas sur la varmegan teron.

A' venda neste jornal:

Dicionário Português-Esperanto...	40\$00
Analiza Historio de Esperanto Movado	9\$00
Unua Legolibro.....	7\$50
Lerna Esperanto-Krestomatio.....	9\$00
Fundamenta Krestomatio de la Lingvo Esperanto.....	25\$00
"Scienca Gazeto" aparece de 2 em 2 meses assinatura anual	18\$00